

O PAPEL DO ÊXODO RURAL NAS MUDANÇAS DE CONSUMO ALIMENTAR¹

Suzana Aparecida dos Santos², Maristela Borin Busnello³

¹ Pesquisa de revisão bibliográfica e análise reflexiva de conhecimentos teóricos

² Aluna do curso de graduação em Nutrição da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí, suzana.santos@sou.unijui.edu.br-Ijuí/ RS/ Brasil

³ Professora Orientadora Curso de Nutrição na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí, Doutora em Educação nas Ciências, marisb@sou.unijui.edu.br - Ijuí/ RS /Brasil

Introdução:

Desde o início da Revolução Industrial no século XIX a população camponesa se viu obrigada a migrar para os centros urbanos em busca de trabalho, modificando completamente seus hábitos de vida e conseqüentemente sua alimentação. A substituição do ar puro do campo pela poluição industrial e as condições insalubres de muitos locais de trabalho e habitações contribuíram para o crescimento da prevalência de doenças respiratórias. Com o crescente aumento da população urbana percebe-se um movimento de mudança no padrão de consumo alimentar e no estilo de vida da população, fator que predispõem o agravamento de doenças crônicas não transmissíveis.

Objetivos:

Compreender o impacto do êxodo rural sobre o consumo alimentar; evidenciar as causas desse fenômeno e apontar possíveis estratégias de enfrentamento eficientes ao deslocamento das famílias rurais para o meio urbano.

Metodologia:

A pesquisa foi realizada através de revisão integrativa da literatura, análise de dados estatísticos e demográficos referente à temática. Foi realizada uma busca na plataforma Periódicos CAPES pelos marcadores: êxodo rural, saúde pública e consumo alimentar. Após isso foram selecionados autores e estudos de referência, desta forma foram desenvolvidas reflexões e discussões referente às informações obtidas.

Resultados:

Estudo desenvolvido por MORATOYA e colaboradores (2012) aponta como os principais causadores das Mudanças de consumo alimentar a urbanização, a globalização e a renda. Como já evidenciado, o crescimento dos centros urbanos associados ao êxodo rural de fato têm acarretado mudanças significativas no estilo de vida da população. Percebe-se a grande dificuldade de sobrevivência e permanência da agricultura familiar, cercadas pelas grandes monoculturas, as pequenas propriedades rurais foram aos poucos sendo extinguidas, fato confirmado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, que constatou um aumento de 23 milhões de pessoas na população urbana brasileira de 2000 a 2010, ao passo que a população rural diminuiu em mais de 2 milhões.

De acordo com MORATOYA, e colaboradores (2012), com a urbanização crescente o trabalho tradicional dos agricultores foi substituído por atividades mais sedentárias e automatizadas com o equipamento industrial. SALAMI (2009) salienta que essa população rural que aos poucos adentra as grandes cidades em busca de trabalho e oportunidades, acaba distanciando-se dos hábitos alimentares tradicionais pertencentes à sua cultura regional e incorporando o consumo de alimentos industrializados à sua rotina alimentar, A grande disponibilidade de lojas, supermercados e locais de oferta desses alimentos à preços acessíveis atrai a atenção desse público em especial que ainda vislumbra a fácil acessibilidade do meio urbano. Aos poucos criam-se zonas desertificadas na extensão rural brasileira, TONEZER e colaboradores (2017) evidenciam que grande parte da população rural é idosa.

Atualmente as grandes monoculturas abrangem quase a totalidade da área rural brasileira; até mesmo a população idosa volta seu olhar para as cidades, seja para se aproximar de familiares ou pela criminalidade crescente nas zonas desertificadas interioranas.

Após chegarem as cidades, percebe-se uma adaptação da população rural à rotina urbana. Adaptaram-se a novas funções, às tecnologias, a trabalhar várias horas diariamente, à um novo padrão alimentar de pouca disponibilidade de tempo associado à grande oferta de alimentos prontos. Adaptaram-se a dormir menos, enfrentar grandes filas e lotações de transporte público, diminuindo seu bem-estar físico e psicológico, fato evidenciado por FAJERSZTAJN e colaboradores (2016) configurando o cenário visto atualmente com predominância de doenças crônicas não transmissíveis no perfil epidemiológico brasileiro. Altos níveis de estresse (agudo e crônico), ansiedades e compulsões também são comprovados, sendo associados a fatores ambientais e que também influenciam na alimentação da população e contribuem para o agravamento de problemas de saúde

pública como a obesidade, diabetes, hipertensão arterial e outras doenças.

Conclusões:

Percebe-se a importância das políticas de fomento à agricultura familiar e o desenvolvimento de estratégias para a permanência das pequenas propriedades rurais. É fundamental a atração do público jovem à permanência no campo, para isso o incremento e a geração de renda são essenciais. Desta forma preserva-se a cultura alimentar local constituinte da identidade de grupos e indivíduos, e também diminuindo as doenças relacionadas ao estilo de vida urbano marcados pelo sedentarismo e o consumo excessivo de alimentos industrializados. Outra estratégia importante e necessária é levar os serviços essenciais ao alcance da população rural, como o acesso a tecnologia e informação, saneamento adequado, acesso aos serviços de saúde, entre outros. A segurança também possui um papel muito importante nas pequenas comunidades agrícolas, necessitando de mais incentivo e fiscalização. Dessa forma propicia-se um cenário ideal para condições de vida digna as comunidades rurais.

Palavras-chave: urbanização; doenças crônicas; alimentação.